ISSN: 2358-8829

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE E DA ALTERIDADE EM *THE TEMPEST*, DE WILLIAM SHAKESPEARE

Fabio Marques de Oliveira Neto [1]
Waleska Barroso dos Santos Kramer Marques [2]

INTRODUÇÃO

A produção dramática de William Shakespeare, concebida na transição entre os séculos XVI e XVII no contexto da Inglaterra elizabetana e jacobiana, permanece como um dos corpora literários mais investigados da tradição ocidental. O vigor da dramaturgia shakespeariana não residia apenas no espelhamento do seu tempo, mas na capacidade de problematizar estruturas emergentes do sujeito moderno, da autoridade soberana e da alteridade cultural. Nesse espectro, *The Tempest* (1611), amplamente reconhecida como uma de suas últimas peças escritas de forma autônoma, sobressai-se como um texto fundamental para a reflexão sobre o encontro colonial, a hegemonia epistêmica e a linguagem como arena de dominação e resistência.

A trama ambienta-se em uma ilha não mapeada do Mediterrâneo — ou do Atlântico mitologizado —, para onde Próspero, o destronado Duque de Milão, é banido ao lado de sua filha Miranda. Valendo-se de conhecimentos nas artes mágicas, Próspero subjuga os habitantes originais do local: Ariel, um espírito elemental alado, e Caliban, uma figura nativa caracterizada como monstruosa e terrena, filho da bruxa Sycorax. Enquanto a relação com Ariel se assenta em uma dinâmica de subserviência pactuada sob a promessa de alforria, o vínculo com Caliban é estruturado na coerção direta, no trabalho forçado e no estigma biopolítico e discursivo.

Se ao longo do século XIX e início do século XX a crítica tradicional leu a peça sob vieses alegóricos, moralizantes ou puramente estéticos — enxergando Próspero como a representação do artista benevolente ou da civilização esclarecida —, o advento dos Estudos Culturais, do Novo Historicismo e do Pós-Colonialismo a partir da segunda

[1] Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, fabio.marques@ufrn.br;
[2] Mestre em Educação pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, waleskakramer@gmail.com.

metade do século XX desestabilizou essas leituras. Autores como Aimé Césaire, Roberto Fernández Retamar, Frantz Fanon, Edward Said, Ania Loomba e Stephen Greenblatt reorientaram o olhar crítico para as fissuras do texto, evidenciando como a hegemonia de Próspero opera por meio do rebaixamento sistemático de Caliban e da negação de sua subjetividade.

A problematização central deste estudo gira em torno de como a construção do "Eu" dominante europeu (personificado por Próspero) exige a invenção discursiva do "Outro" (personificado por Caliban). Investiga-se, adicionalmente, o papel que a disputa pela posse da terra e o ensino da linguagem desempenham na consolidação e no tensionamento dessa hierarquia de poder.

Hipotetiza-se que *The Tempest* engendra uma representação ambivalente: se, por um lado, o texto reproduz os estereótipos coloniais de alteridade típicos do proto-imperialismo inglês, por outro, confere a Caliban uma densidade discursiva e uma agência que desestabilizam o monólogo civilizatório de Próspero. Para responder a essa questão, o artigo estrutura-se em quatro sessões analíticas: a discussão conceitual sobre identidade e alteridade; a consolidação de Próspero como sujeito hegemônico; a produção de Caliban enquanto "Outro" e o embate territorial; e, por fim, o papel da linguagem como vetor ambivalente de dominação e subversão.

METODOLOGIA

Esta investigação caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de natureza teórico-bibliográfica e de abordagem documental-analítica. O objeto primário de análise é o texto dramático da peça *The Tempest* (*A Tempestade*), de William Shakespeare, utilizando como fonte primária a edição da *Folger Shakespeare Library* (2015), editada por Barbara A. Mowat e Paul Werstine.

O procedimento analítico apoia-se no cotejo rigoroso entre excertos do texto dramatúrgico e o aporte conceitual da teoria pós-colonial, da crítica cultural e da história literária do início da modernidade. Para fundamentar as categorias analíticas de identidade, alteridade, poder, raça e linguagem, o arcabouço teórico foi ampliado e estruturado em três eixos principais:

Estudos Culturais e Teorias da Identidade/Alteridade: Mobilizam-se as reflexões de Stuart Hall (2006) sobre a descentralização do sujeito e o caráter histórico da

identidade; Homi Bhabha (1998) quanto aos conceitos de hibridismo, ambivalência e entrelugar; e Paul Gilroy (2001) no tocante às redes transatlânticas e à modernidade.

Crítica Pós-Colonial e Descolonial: Utilizam-se as formulações de Ania Loomba (2002; 2005) sobre raça e gênero no teatro shakespeariano; Frantz Fanon (2008) sobre a psicopatologia do colonizado e o trauma da racialização; Edward Said (1990) referente à invenção discursiva do "Outro"; e Roberto Fernández Retamar (2004) acerca da reapropriação de Caliban como símbolo da América Latina e do sujeito subalterno.

Novo Historicismo e Linguagem: Incorpora-se a contribuição de Stephen Greenblatt (1990; 1991) sobre a navegação early modern, o conceito de *learning to curse* e o papel das crônicas de viagem na criação do "selvagem" no imaginário inglês elizabetano.

Analiticamente, os excertos da peça no idioma original são acompanhados de traduções próprias para o português, buscando preservar a carga metáfora, a métrica e a força discursiva das falas das personagens.

IDENTIDADE E ALTERIDADE: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS NO INÍCIO DA MODERNIDADE

Para analisar as dinâmicas sociais e dramáticas em *The Tempest*, faz-se indispensável definir os contornos conceituais de identidade e alteridade. Rompendo com visões essencialistas que concebem a identidade como uma substância fixa, inata ou a-histórica, Stuart Hall (2006) demonstra que a identidade é uma construção discursiva, relacional e contingentemente histórica. O sujeito não possui uma essência unificada; sua identidade é constituída a partir de posições de enunciação e da interação permanente com os sistemas de representação cultural.

Nessa perspectiva relacional, o conceito de alteridade emerge como a engrenagem fundamental para a consolidação da identidade. O "Eu" (seja individual, nacional ou cultural) só adquire contornos legíveis por meio da oposição ao "Outro". Conforme salienta Hall (2006), a diferença é ambivalente: ela é necessária para a produção de sentido, mas é frequentemente capturada por assimetrias de poder que convertem a mera diferença em hierarquia. O "Outro" passa a ser marcado não apenas como diferente, mas como inferior, caótico, moralmente deficitário ou perigoso.

ISSN: 2358-8829

Edward Said (1990), em sua obra *Orientalismo*, mapeia de que modo o Ocidente europeu construiu uma vasta parafernália textual e conceitual para inventar o "Oriente" e o "Não-Europeu" como sua alteridade negativa. Essa produção discursiva visava, fundamentalmente, legitimizar a expansão imperial. Na mesma linha, Frantz Fanon (2008) evidencia as implicações psíquicas e políticas desse processo, mostrando que o colonizador impõe ao colonizado uma imagem deformada de si mesmo, forçando-o a vivenciar a alteridade como uma negação de sua plena humanidade.

No contexto específico do início do século XVII na Inglaterra — momento em que Shakespeare escrevia *The Tempest* —, essas concepções de alteridade encontravam-se em estágio de profunda consolidação. Conforme aponta Ania Loomba (2002, 2005), as noções coloniais de "raça", "branquitude" e "civilização" ainda não possuíam a sistematização biológica do século XIX, mas operavam por meio de complexos discursivos que mesclavam religião, moralidade, costumes, cor de pele e hábitos alimentares. O expansionismo marítimo inglês e o contato com os povos originários das Américas e da África geraram uma profusão de relatos de viagem — como os compilados por Richard Hakluyt e a crônica do naufrágio do navio *Sea Venture* nas Bermudas em 1609 —, que alimentavam a imaginação dramática com figuras de "selvagens" e "canibais".

Stephen Greenblatt (1990), ao aplicar a crítica historicista ao período, observa que a cultura renascentista exercia uma fascinação ambígua pelo "estranho". O "Outro" era simultaneamente objeto de demonização e de curiosidade epistêmica. Homi Bhabha (1998) complementa esse quadro ao propor o conceito de ambivalência do discurso colonial: o discurso dominante exige que o "Outro" seja "quase o mesmo, mas não exatamente" (*almost the same, but not quite*). A alteridade, portanto, nunca é inteiramente domesticada; ela permanece como um foco latente de ansiedade para o colonizador.

É sob a luz dessas premissas teóricas que a ilha de *The Tempest* revela-se não como um refúgio idílico ou uma utopia neutra, mas como um laboratório microfísico do poder europeu em expansão, no qual os processos de construção identitária do dominador e do dominado travam um embate irreconciliável.

PRÓSPERO E A CONSTRUÇÃO DO “EU”DOMINANTE

A figura de Próspero encarna a trajetória do sujeito hegemônico europeu que, ao ser despojado do poder político tradicional no espaço metropolitano (a perda do Duchado de Milão por meio da conspiração de seu irmão Antonio), reconstrói e reamplia sua autoridade em um novo espaço geográfico. O espaço insular torna-se o palco onde Próspero exerce uma dominação quase absolutista, ancorada no domínio do saber hermético, na tecnologia mágica e na ordenação do trabalho alheio.

A identidade de Próspero como homem da razão, representante da civilização cristã-ocidental e detentor legítimo do comando, não se estabelece de forma isolada. Ela requer a constante reafirmação de sua superioridade em relação aos sujeitos que povoam a ilha. Como salienta Loomba (2002), a legitimidade do poder de Próspero é sustentada discursivamente pela construção de sua própria conduta como virtuosa e patriarcal, em oposição à dita "natureza moralmente decaída" dos habitantes autóctones.

O domínio de Próspero sobre Caliban expressa-se, em primeira instância, pelo uso sistemático do enquadramento linguístico e coercitivo. A qualificação de Caliban como *"slave"* (escravo) aparece de forma reiterada na peça:

PROSPERO:

Thou poisonous slave, got by the devil himself

Upon thy wicked dam, come forth!

(SHAKESPEARE, 2015, 1.2.383-384).

Tradução:

Tu, escravo peçonhento, gerado pelo próprio diabo

Em tua mãe perversa, vem para fora!

A fala de Próspero opera uma dupla operação de inferiorização: desumaniza Caliban ao associá-lo ao veneno e ao diabolismo, e fixa sua posição social como mero instrumento de trabalho forçado. A autoridade de Próspero ergue-se, assim, sobre a demonização da linhagem de Caliban (sua mãe Sycorax, caracterizada como uma bruxa africana vinda de Argel) para deslegitimar qualquer alegação de soberania por parte do nativo.

Além disso, a autoimagem de Próspero como um benfeitor civilizador é reforçada quando ele relembra os supostos atos de caridade dispensados a Caliban ao

chegar à ilha. Próspero relata ter abrigado Caliban em sua própria cela e lhe oferecido ensinamentos, processo que foi interrompido, segundo a narrativa do duque, pela tentativa de Caliban de violar a pureza de sua filha, Miranda. Esse evento — a tentativa de estupro — é utilizado ao longo do texto como a justificativa moral definitiva para a escravização e o controle biopolítico de Caliban:

PROSPERO:

I have used thee,

Filth as thou art, with human care, and lodged thee

In mine own cell, till thou didst seek to violate

The honor of my child.

(SHAKESPEARE, 2015, 1.2.413-416).

Tradução:

Eu te tratei,

Imundície que és, com cuidado humano, e te alojei

Em minha própria cela, até que buscaste violar

A honra de minha filha.

Sob a ótica de Frantz Fanon (2008), o fantasma do hipersexualismo e da ameaça do homem racializado contra a integridade da mulher branca é um tropo colonial clássico, empregado para estruturar a paranóia do dominador e justificar a violência preventiva. Ao classificar Caliban como incapaz de assimilar a ética e os limites morais da sociabilidade europeia, Próspero naturaliza a necessidade do castigo físico e do trabalho forçado. A narrativa hegemônica de Próspero estabelece que Caliban é um *"a devil, a born devil, on whose nature / Nurture can never stick"* (uma aberração, um diabo nato, em cuja natureza a educação jamais se fixa) (SHAKESPEARE, 2015, 4.1.213-214).

Assim, a identidade civilizada, racional e paternal de Próspero depende umbilicalmente da manutenção de Caliban nessa posição de alteridade irrecuperável.

Quanto mais irracional e incorrigível Caliban é retratado, mais indispensável e justa torna-se a dominação exercida por Próspero.

CALIBAN E A CONSTRUÇÃO DO "OUTRO": TERRITÓRIO, SUBALTERNIDADE E PERTENCIMENTO

Se Próspero encarna o pólo da dominação, Caliban constitui a figura central em torno da qual as ansiedades da alteridade orbitam em *The Tempest*. O próprio nome "Caliban" é amplamente interpretado pela crítica literária (GREENBLATT, 1990; RETAMAR, 2004) como um anagrama imperfeito da palavra *"canibal"* — vocábulo por sua vez derivado de *"carib"*, relativo aos povos do Caribe —, conectando diretamente o personagem aos debates sobre os povos do Novo Mundo.

Caliban é constantemente reduzido pelas demais personagens europeias a uma condição monstruosa, bestial e disforme. Miranda refere-se a ele como uma *"abhorred slave"* (escrava abominável) (SHAKESPEARE, 2015, 1.2.420), enquanto Stefano e Trínculo, ao encontrá-lo mais tarde, tratam-no como uma curiosidade exótica, um *"strange fish"* (peixe estranho) ou um *"savage monster"* (monstro selvagem) passível de ser levado para a Inglaterra para exposição remunerada — evidenciando a mercantilização da alteridade no espetáculo colonial.

Contudo, longe de ser um mero autômato ou uma figura passiva, Caliban articula uma contra-narrativa de pertencimento e soberania territorial que desestrutura a pretensão de legitimidade do domínio de Próspero. No seu primeiro embate direto com o duque, Caliban profere uma das declarações de territorialidade mais contundentes da dramaturgia elizabetana:

CALIBAN:

This island's mine, by Sycorax my mother,

Which thou takest from me. When thou camest first,

Thou strok'st me and mad'st much of me, wouldst give me

Water with berries in 't, and teach me how

To name the bigger light, and how the less,

That burn by day and night. And then I loved thee

And showed thee all the qualities o' th' island,

The fresh springs, brine pits, barren place and fertile.

Cursed be I that did so! [...]

For I am all the subjects that you have,

Which first was mine own king!

(SHAKESPEARE, 2015, 1.2.396-412).

Tradução:

Esta ilha é minha, por minha mãe Sycorax,

Que tu tomaste de mim. Quando chegaste aqui,

Tu me afagavas e me prezavas, me davas

Água com bagas, e me ensinavas como

Nomear a luz maior e a menor,

Que queimam de dia e de noite. E então eu te amava

E te mostrava todas as propriedades da ilha,

As fontes de água doce, os poços salgados, o lugar estéril e o fértil.

Maldito seja eu por ter feito isso! [...]

Pois sou todos os súditos que possuis,

Eu que antes era o meu próprio rei!

Esse pronunciamento de Caliban, analisado sob o prisma de Roberto Fernández Retamar (2004), reconfigura a história da ilha. Caliban expõe o padrão do encontro colonial: a receptividade inicial do nativo, a troca de conhecimentos ambientais indispensáveis para a sobrevivência do estrangeiro, seguida pela usurpação da terra e pelo assujeitamento do habitante original. Caliban afirma sua primazia matrilinear (*"by Sycorax my mother"*) e reivindica uma soberania perdida (*"Which first was mine own king"*).

Além disso, a fala revela um saber ambiental profundo. É Caliban quem conhece a topografia, a hidrografia e a botânica da ilha. Próspero, apesar de toda a sua erudição mágica e seus livros europeus, dependeu do conhecimento empírico do nativo para estabelecer sua subsistência no local. A alteridade de Caliban, portanto, não é ausência de cultura ou desorientação espacial, mas um modo distinto de habitar e significar o território.

Conforme argumenta Bhabha (1998), a presença de Caliban instaura uma fenda no discurso hegemônico. Ao expor que a autoridade de Próspero assenta-se na tomada arbitrária e na força, e não em um direito natural ou divino, Caliban desvela a violência fundante do projeto colonial. A alteridade deixa de ser apenas a projeção de um estereótipo negativo e torna-se o lugar de onde se enuncia a denúncia da espoliação.

LINGUAGEM, PODER E RESISTÊNCIA

A disputa entre Próspero e Caliban encontra no terreno da linguagem o seu vetor analítico mais refinado. Na cosmovisão civilizatória do Renascimento europeu, o ensino da língua do colonizador era concebido como um ato de benevolência e humanização, uma tentativa de retirar o "selvagem" de um suposto estado de balbucio impreciso ou mudez racional.

No texto da peça, Miranda (ou Próspero, conforme algumas tradições editoriais) atribui a si o crédito por ter conferido inteligibilidade ao pensamento de Caliban, afirmando ter ensinado a ele a linguagem quando este apenas "rosnava como uma coisa bruta":

MIRANDA:

I pitied thee,

Took pains to make thee speak, taught thee each hour

One thing or other. When thou didst not, savage,

Know thine own meaning, but wouldst gabble like

A thing most brutish, I endowed thy purposes

With words that made them known.

(SHAKESPEARE, 2015, 1.2.422-427).

Tradução:

Tive compaixão de ti,

Esforcei-me para fazer-te falar, ensinei-te a cada hora

Uma coisa ou outra. Quando tu, selvagem,

Não sabias teu próprio sentido, mas tagarelavas como

Uma coisa brutal, dotei teus pensamentos

Com palavras que os tornaram audíveis.

A resposta de Caliban a esse enquadramento paternalista tornou-se uma das passagens mais célebres do teatro ocidental e um pilar dos estudos pós-coloniais:

CALIBAN:

You taught me language, and my profit on 't

Is I know how to curse. The red plague rid you

For learning me your language!

(SHAKESPEARE, 2015, 1.2.433-435).

Tradução:

Vós me ensinastes a linguagem; e o proveito que tiro disso

É que sei como amaldiçoar. Que a peste vermelha vos devore

Por me haverdes ensinado a vossa língua!

Nessa réplica, Stephen Greenblatt (1990) identifica o fenômeno do *"Learning to Curse"* (Aprender a Amaldiçoar). A imposição da língua do dominante tinha como propósito a aculturação, a submissão e a instrumentalização operacional (fazer com que Caliban compreendesse e executasse ordens). No entanto, Caliban opera uma torção na própria ferramenta do dominador: ele se apropria do código linguístico imposto e o reconfigura como instrumento de imprecação, insurgência e contestação política.

A linguagem, longe de pacificar o conflito, torna-se a própria arena da resistência. Como nota Homi Bhabha (1998), trata-se de um exemplo perfeito de

mimetismo e subversão: o subalterno utiliza os instrumentos conceituais fornecidos pela cultura hegemônica para desconstruir os pressupostos dessa mesma hegemonia. Caliban não retorna a uma suposta língua pré-colonial perdida — até porque o texto não lhe concede essa alternativa —, mas atua no seio da língua colonizadora para fissurá-la a partir de dentro.

Mais adiante na peça, a consciência do poder da linguagem e dos sistemas de conhecimento europeus manifesta-se no plano traçado por Caliban ao lado de Stefano e Tríinculo para derrubar Próspero. Caliban adverte expressamente seus aliados sobre a necessidade de destruir a fonte primária do poder do duque: seus livros.

CALIBAN:

Remember

First to possess his books, for without them

He's but a sot, as I am, nor hath not

One spirit to command [...]

Burn his books!

(SHAKESPEARE, 2015, 3.2.96-103).

Tradução:

Lembra-te

Primeiro de te apoderares de seus livros, pois sem eles

Ele não passa de um tolo, como eu, e não possui

Nem um único espírito para comandar [...]

Queima os seus livros!

Essa percepção de Caliban é extraordinariamente lúcida. Ele identifica que a dominação de Próspero não reside em sua força física individual, mas no seu monopólio epistêmico — simbolizado pelos livros que corporificam a ciência, a magia e a ordenação discursiva ocidental. Ao exortar *"Burn his books!"* (Queima os seus livros!), Caliban aponta para a necessidade de desmantelar o arquivo do conhecimento

colonizador para que a igualdade de condições possa ser restabelecida (*"He's but a sot, as I am"*).

A dinâmica entre linguagem, conhecimento e poder em *The Tempest* revela, portanto, que a alteridade não se deixa enquadrar pacificamente pelas ferramentas de controle do dominador. Ao aprender a língua do senhor, Caliban aprendeu a articular a dor da sujeição e a reivindicação da liberdade, transformando o dom da palavra em um terreno ininterrupto de batalha discursiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reinterpretação de *The Tempest* sob as lentes articuladas dos Estudos Culturais, do Novo Historicismo e da Teoria Pós-Colonial demonstra que a peça dramatiza de forma visceral os dilemas éticos, políticos e subjetivos que acompanharam a consolidação da modernidade europeia e a expansão colonial.

A análise desenvolvida confirmou a hipótese inicial de que a identidade e a alteridade na peça são construções estritamente relacionais, assimétricas e atravessadas por vetores de poder. Próspero consolida sua posição de autoridade, racionalidade e civilidade mediante a invenção discursiva de Caliban como um "Outro" irremediavelmente selvagem, peçonhento e subalterno. A alteridade de Caliban é operada como o espelho negativo necessário para justificar o exercício de um poder coercitivo e a privatização do espaço insular.

Contudo, longe de ratificar passivamente esse monólogo civilizatório, a tessitura dramática de Shakespeare dota Caliban de uma densidade crítica que desestabiliza a supremacia de Próspero. Ao postular que *"This island's mine, by Sycorax my mother"*, Caliban estabelece a anterioridade do pertencimento nativo e desvela a violência da espoliação territorial. Do mesmo modo, ao ressignificar a língua aprendida como veículo de maldição e recusa, a personagem demonstra a agência do sujeito subalterno, incapaz de ser totalmente domesticado pelas tecnologias de aculturação.

A permanência de *The Tempest* no cânone e no debate acadêmico contemporâneo decorre justamente de sua capacidade de encenar, sem resoluções simplistas, a complexidade do encontro cultural assimétrico. A peça não encerra a disputa pelo direito de narrar o mundo; pelo contrário, abre um campo de interpelação que atravessa os séculos. Ao questionar quem possui a prerrogativa de definir o "Eu" e

de estigmatizar o "Outro", o texto shakespeariano antecipa as maiores encruzilhadas do nosso próprio tempo, lembrando-nos de que a linguagem e o território permanecem como os palcos centrais da luta pela dignidade e pela emancipação humana.

REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

FANON, Frantz. **Peles negras, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: Editora UFBA, 2008.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro: sobre a modernidade e a dupla consciência**. Tradução de Cid Knipel Moreira. Rio de Janeiro: Editora 34 / Universidade Cândido Mendes, 2001.

GREENBLATT, Stephen. **Learning to Curse: Essays in Early Modern Culture**. New York: Routledge, 1990.

GREENBLATT, Stephen. **Marvelous Possessions: The Wonder of the New World**. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LOOMBA, Ania. **Shakespeare, Race, and Colonialism**. Oxford: Oxford University Press, 2002.

LOOMBA, Ania. **Colonialism/Postcolonialism**. 2. ed. London; New York: Routledge, 2005.

RETAMAR, Roberto Fernández. **Caliban e outros ensaios**. Tradução de Reinaldo Guarany. São Paulo: Busca Vida, 2004.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SHAKESPEARE, William. **The Tempest**. Edited by Barbara A. Mowat and Paul Werstine. Washington, DC: Folger Shakespeare Library, 2015.